

Herói e Boêmio

Nertan Macedo

Gosto dos poetas que ficaram na sombra, dos literatos que apesar do talento mergulharam no abismo injusto do anonimato. José Vicente Sidney Netto é um desses heróis da palavra, absolutamente desconhecido no Brasil. Talvez alguns cearenses de mais de vinte e cinco anos, residentes em Fortaleza, ainda possam lembrar-se dele, pois foi naquela cidade ardente, “desposada do sol”, que ele viveu e morreu com seu estro delirante. Um Dom Quixote salgado pelo mar de Iracema, com uma existência vincada de ofídicas mágoas. Um náufrago de múltiplas cervejas e aguardentes, cavaleiro andante que teria desembainhado sua espada contra o *Moulin Rouge*, se os fados lhe houvessem permitido uma viagem a Paris.

Conheci-o, tornei-me seu amigo e admirador nos longes da adolescência, quando também eu alimentava veleidades de bardo, varando noites alvoroçadas nas minhas primeiras incursões etílicas. Éramos inquietos e pícaros. Conosco também percorria a noite o talentoso Toinho Paes de Andrade, hoje deputado federal pelo ex-MDB, que perdeu sua católica virgindade num sobradinho atrás dos Correios e Telégrafos, onde funcionava um alegre bordel cheio de roliças e perfumadas *quengas* vendedoras do amor a preços módicos. Naquele amoroso convívio nós nos sentíamos como verdadeiros Heathclifs de Emily Bronte. José Vicente Sidney Netto, nesse tempo, desfrutava de algum prestígio nas rodas boêmias e intelectuais de Fortaleza. Era o poeta da turma. Caminhava pelas ruas a passos solenes, barbas ao vento, metido num terno poído e amarfanhado como convinha a um pensador da época. Sabia-se quando estava habitado pelos eflúvios de Baco, pois falava e gesticulava sozinho remoendo saudades antigas, declamando os próprios versos ou improvisando novas rapsódias. Carregando sempre um livro embrulhado em jornais velhos, era uma hemeroteca ambulante. Eu me des-

lumbrava ao vê-lo escrever, com a dignidade de um clérigo medieval refestelado numa cadeira de engraxate, que magnificamente sabia transformar em tronco de *grand signeur*. Só muito tempo depois vim a saber que suas barbas de profeta que eu tanto admirava eram apenas o resultado de uma promessa, feita por ignotas razões, a São Francisco do Canindé, o grande orago milagroso do sertão do Ceará. Um belo dia ruíram ao fio de uma navalha profana e seu novo aspecto escanhado muito nos decepcionou.

Não tinha residência fixa. Alojava-se como podia, num quarto da Casa do Estudante ou no albergue de alguma vivandeira. Ficava muito ao relento, como qualquer bom *clochard* de Paris. Passei muitos anos sem vê-lo quando me mudei para o Rio de Janeiro, mas fui reencontrá-lo com o mesmo jeito sonhador de cavaleiro de triste figura, quase uma década mais tarde, na época em que retornei a Fortaleza para servir à primeira administração do Governador Virgílio Távora. Estava mais envelhecido, naturalmente; no entanto conservava no espírito a mesma chama inquieta de poeta saltimbanco. Conseguiu até editar alguns livros com títulos formosos: A NOITE COROADA DE ROSAS E DE MIRTOS; O CANTO NOVO DA RAÇA; SOB O MEIGO E TRÁGICO LUAR DE VERONA; e POEMAS INDIANISTAS DO BRASIL VIRGEM. Pediu-me que lhe fizesse uma introdução à sua obra completa, que desejava reunir sob o título pomposo de CANTO ABSOLUTO. Redigi a introdução mas soube, mais tarde, que a obra jamais chegou ao prelo. Sidney foi tapiado pelo então reitor da Universidade Federal do Ceará, Fernando Leite, outro trovador ocioso.

Nos tempos mais recuados da Coluna Prestes, José Vicente Sidney Netto foi um entusiasta do Cavaleiro da Esperança. E quando o comandante Prestes, fugindo à perseguição do Governo Federal, passou pelo Ceará com seus revoltosos, descansou algumas horas na fazenda da família Távora, nos sertões do Jaguaribe. Nessa ocasião, o bardo Sidney, de alma heróica e boêmia, gravou o momento de repouso do futuro guerreiro comunista neste poema singelo: A REDE. Talvez um dos mais belos que tenha escrito durante sua vida sofrida e desencantada.

Quando eu vi de longe aquela rede muito branca
balançando docemente, lá no alpendre deserto da fazenda
senti um mistério brotando em meu coração.
O luar lá fora ensaboava tudo, lava os currais os caminhos,
O luar lá fora ensaboava tudo, lavava os currais os
caminhos,
até fazê-los também muito brancos e puros.
Parecia uma noite de Natal, uma noite sem escuridão.

Aproximei-me e vi aquele velho descansando, com sua barba branca, ensaboada de luar.

Desci do meu cavalo arfante e murmurei — Descanse guerreiro velho.

A rede é limpa. E depois fiquei pensando que um dia alguém contaria no futuro: — Nesta rede já descansou, já dormiu seu sono, o General Luiz Carlos Prestes.

José Vicente Sidney Netto morreu há cinco anos. Em algum lugar do Universo estará ele agora também descansando de sua vida inquieta de cavaleiro andante. Que Deus te embale numa boa rede cearense, velho Sidney.